

# NÃO ACEITAMOS OVELHAS COLORIDAS EM NOSSO ALTAR: OS POSICIONAMENTOS DE PASTORES CONSERVADORES SOBRE A COMUNIDADE LGBTQIAPN+

Alliston Fellipe Nascimento dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Em um cenário religioso cristão institucionalizado, prevaleceu por anos uma visão heteronormativa, em que a homossexualidade é considerada, por cristãos conservadores, uma transgressão divina ou "abominação". Nesse ambiente de disputas sociais e de poder, surgem as igrejas inclusivas, voltadas, primordialmente, para acolher a comunidade LGBTQIAPN+. O artigo analisa os posicionamentos de três pastores evangélicos brasileiros – André Valadão, Edir Macedo e Silas Malafaia – com base em matérias jornalísticas que expõem suas rejeições à comunidade LGBTQIAPN+. Utilizando a Teoria dos Campos de Bourdieu, o estudo explora as relações de poder envolvidas, revelando, por meio das repercussões midiáticas de seus posicionamentos, uma complexa interseção entre religião, orientação sexual e identidade de gênero, evidenciando como essas lideranças conservadoras contribuem para a exclusão dessa comunidade em diversas esferas sociais, a exemplo da religiosa. Em resposta, as igrejas inclusivas oferecem um espaço de acolhimento e vivência espiritual sem discriminação.

**Palavras-chave:** Campo de Poder. Conservadorismo cristão. Gênero. Igrejas Inclusivas. Religião.

*We don't accept colored sheep at our altar: the positions of conservative pastors on the LGBTQIAPN+ community*

## **Abstract:**

In an institutionalized Christian religious setting, a heteronormative view has prevailed for years, in which homosexuality is considered by conservative Christians to be a divine transgression or "abomination". In this environment of social and power disputes, inclusive churches have emerged, aimed primarily at welcoming the LGBTQIAPN+ community. The article analyzes the positions of three Brazilian evangelical pastors - André Valadão, Edir Macedo and Silas Malafaia - based on newspaper articles that expose their rejection of the LGBTQIAPN+ community. Using Bourdieu's Field Theory, the study explores the power relations involved, revealing, through the media repercussions of their positions, a complex intersection between religion, sexual orientation and gender identity, showing how these conservative leaders contribute to the exclusion of this community in various social spheres, such as religion. In response, inclusive churches offer a space to welcome and experience spirituality without discrimination.

**Keywords:** Field of Power. Christian conservatism. Gender. Inclusive churches. Religion.

*No aceptamos ovejas de color en nuestro altar: la postura de los pastores conservadores ante la comunidad LGBTQIAPN+*

## **Resumen:**

En un entorno religioso cristiano institucionalizado, ha prevalecido durante años una visión heteronormativa, en la que la homosexualidad es considerada por los cristianos conservadores como una transgresión divina o una "abominación". En este ambiente de disputas sociales y de poder, han surgido iglesias inclusivas, destinadas principalmente a acoger

<sup>1</sup>Mestre em Comunicação e Sociedade pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe e Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) pela mesma instituição de ensino.

a la comunidad LGBTQIAPN+. El artículo analiza las posiciones de tres pastores evangélicos brasileños - André Valadão, Edir Macedo y Silas Malafaia - a partir de artículos periodísticos que exponen su rechazo a la comunidad LGBTQIAPN+. Utilizando la Teoría del Campo de Bourdieu, el estudio explora las relaciones de poder implicadas, revelando, a través de las repercusiones mediáticas de sus posiciones, una compleja intersección entre religión, orientación sexual e identidad de género, destacando cómo estos líderes conservadores contribuyen a la exclusión de esta comunidad en diversas esferas sociales, como la religión. En respuesta, las iglesias inclusivas ofrecen un espacio para acoger y experimentar la espiritualidad sin discriminación.

**Palabras clave:** Campo de poder. Conservadurismo cristiano. Género. Iglesias inclusivas. Religión.

## Introdução

A relação entre religião e diversidade sexual tem sido um tema complexo e controverso em muitas sociedades. No contexto cristão, por exemplo, a comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, *Queers*, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-Binárias e outras identidades relacionadas) se depara, frequentemente, com a hostilidade e o preconceito de setores conservadores, mais especificamente entre líderes religiosos. O radicalismo religioso aí se fundamenta para criar mecanismos e argumentos que refletem no antagonismo sobre qualquer prática homossexual.

Natividade (2006), estudioso brasileiro sobre a inserção de pessoas LGBTQIAPN+ nas igrejas evangélicas, destaca que essas instituições tradicionais consideram que este pecado sexual é perpetrado por indivíduos que têm o 'diabo no corpo' ou que estão sob influência de pombas-gira e outros exus. Esses argumentos, de teor cosmológico, configuram uma percepção físico-moral da homossexualidade, na qual o pecado abre brechas na corporalidade.

O demônio instila sensações, movimentos, contrações involuntárias, [...] a luta contra a homossexualidade enseja a participação ritual e processos de purificação na resolução de um problema espiritual" (NATIVIDADE, 2006, p. 4).

Para Alencar (2018), a homossexualidade, em especial, é percebida por setores da nova direita brasileira, sobretudo a evangélica, como uma deturpação moral e uma ameaça à família. Consoante a esse pensamento, Natividade (2006) reforça que a homossexualidade é vista e reproduzida no imaginário religioso evangélico como sendo expressão de uma manifestação de espíritos malignos. Tal situação que se dá como um 'mal espiritual' ou mesmo uma doença, que pode ser transferida para outros membros, justifica o cuidado e a necessidade de distanciar a homossexualidade de uma possível infiltração no 'corpo evangélico', uma vez que isso também pode representar uma ameaça.

Pelos entendimentos de Foucault (1984) segundo essas instituições, a construção moral cristã mantém a sociedade num caminho benéfico e 'saudável' para sua manutenção na terra, bem como para saúde espiritual, embora essa construção moral há tempo venha sendo questionada. Por moral entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos,

“como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito” (FOUCAULT, 1984, p. 26).

Não é por acaso a não aceitação de pessoas LGBTQIAPN+ nesses espaços evangélicos, pois há um contexto cultural e disciplinar que acompanha tal conduta e os levam a crença de que por traz do homossexual há um sujeito ‘normal’ e filho de Deus, como qualquer outro, porém o desafio que se dá é tentar libertá-los ou curá-los do mal dos quais estão sendo vítimas, ou seja, o ‘homossexualismo’. Este termo errôneo utilizado pela ala conservadora, sobretudo a religiosa, diz respeito à crença de que a homossexualidade seria uma doença. Nesse sentido, o pecado do ‘homossexualismo’ deve ser evitado porque permite a infestação por seres malignos (NATIVIDADE, 2006).

Nota-se, em meio a essas questões, que a resistência de pastores conservadores pode ser percebida tanto na negação da plena inclusão das ‘ovelhas coloridas em seu altar’<sup>2</sup> (pessoas LGBTQIAPN+) nos ritos religiosos, como também na recusa em reconhecer suas identidades e vivências, perpetuando uma realidade na qual muitas pessoas dessa comunidade se sentem marginalizadas e excluídas da prática religiosa. Diante destes conflitos e do surgimento de novos movimentos sociais feministas, LGBTQIAPN+ e identitários, assim como pela atuação crescente na esfera pública brasileira desses grupos nos anos 2000, viu-se emergir nos setores conservadores um pânico moral que entende as agendas promovidas por esses movimentos como um distanciamento do social tradicional. Para Alencar (2018), as relações entre pessoas do mesmo sexo como ilegítimas e imorais são estigmatizadas e os temores atualizados passam a se inserir em agendas políticas em torno das quais se alinham os grupos conservadores.

É neste cenário de exclusão que ativistas LGBTQIAPN+ buscam meios para ocupar espaços nestes ambientes em que são

---

<sup>1</sup> Veiga (2020) explica que o sufixo “-ismo” é geralmente associado a doenças ou condições patológicas, o que, no passado, reforçava a ideia equivocada de que a homossexualidade era uma doença ou desvio. Isso mudou após a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1990, remover a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID). Com isso, a palavra “homossexualidade”, que usa o sufixo “-dade”, passou a ser a forma correta, por não carregar a mesma conotação patologizante.

<sup>2</sup> A comunidade LGBTQIAPN+ é simbolicamente representada pela ‘bandeira do arco-íris’, composta por diversas cores, como laranja, vermelho, amarelo, verde, azul e violeta; que reafirma a pluralidade de identidades sexuais e de gênero. Nesse contexto, igrejas inclusivas frequentemente se referem aos membros dessa comunidade como “ovelhas coloridas”, ressignificando a metáfora cristã da “ovelha”, tradicionalmente associada aos fiéis sob o cuidado do pastor, e contrapondo-se à visão excludente de muitas vertentes religiosas conservadoras. Essas vertentes, ao rejeitarem identidades de gênero e orientações sexuais não normativas, reforçam discursos de exclusão. Sob essa perspectiva, os pastores analisados neste estudo (André Valadão, Edir Macedo e Silas Malafaia) demonstram, em seus posicionamentos, a não aceitação dessas “ovelhas coloridas” em seus “rebanhos”, perpetuando dinâmicas de controle que marginalizam aqueles que não se ajustam aos padrões estabelecidos por seus preceitos religiosos.

rechaçados, a exemplo das igrejas tradicionais conservadoras. Neste sentido, a Teologia *Queer* entra como base para demonstrar a possibilidade de novas práticas de fé, de uma forma inclusiva, propondo uma reinterpretação dos fundamentos cristãos. Neste arcabouço conceitual, nascem as denominadas igrejas inclusivas, voltadas primordialmente ao acolhimento e aceitação da comunidade LGBTQIAPN+, para que se possa praticar a fé cristã em um ambiente livre de condenações e represálias em virtude de orientação sexual e identidade de gênero.

Esses conflitos por espaço se manifestam claramente no cenário social, especialmente devido à crescente presença de lideranças evangélicas conservadoras na mídia nos últimos anos. Suas pregações geram controvérsias e suscitam debates sobre até que ponto suas declarações estão embasadas em preceitos bíblicos tradicionais ou se configuram como discursos homofóbicos. Nesse contexto, o artigo tem como objetivo analisar os posicionamentos de três pastores brasileiros de vertente evangélica conservadora – André Valadão, Bispo Edir Macedo e Silas Malafaia – que se destacam na mídia por suas opiniões polêmicas e pela influência que exercem no debate público sobre temas relacionados à moralidade e à sexualidade, pelas suas perspectivas religiosas.

Como técnica de pesquisa, foi realizada uma análise documental a partir de um levantamento de matérias jornalísticas veiculadas na imprensa digital, com o objetivo de explorar como as relações de poder também se manifestam na mídia e suas respectivas repercussões. As notícias analisadas explicitam o posicionamento dessas lideranças religiosas em relação à comunidade LGBTQIAPN+ e seus desdobramentos, evidenciando a não aceitação desse público em diversas camadas sociais devido à sua orientação sexual e identidade de gênero.

Nesse sentido, a pesquisa consistiu em analisar e, de alguma maneira, contestar as declarações proferidas por cada um dos três pastores em foco sobre a comunidade LGBTQIAPN+, veiculadas na mídia digital, em portais jornalísticos de grande alcance nacional: *Carta Capital*, *Correio Braziliense*, *Folha de São Paulo* e *Veja*. Como recorte, selecionamos posicionamentos de cada uma dessas lideranças religiosas publicados em diferentes anos, com o intuito de demonstrar como se deu a repercussão na mídia, os seus desdobramentos ao longo do tempo e como o conceito de Campos de Poder, de Bourdieu, se relaciona a esses discursos.

Para fundamentar essa problemática, utilizamos como aporte teórico-conceitual a Teoria dos Campos, do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983), com enfoque ao Campo de Poder, partindo do pressuposto de que a sociedade é composta por diversos campos sociais, em que os indivíduos e grupos

competem por recursos, prestígio e influência. Essa abordagem oferece uma perspectiva sobre as dinâmicas sociais, enfatizando as desigualdades e estratégias dos atores em diferentes arenas, tornando-se uma base importante para o estudo da estruturação e relações sociais. Para um melhor entendimento de leitura, o artigo inicia apresentando, brevemente, a Teologia *Queer* e os fundamentos das igrejas inclusivas; em seguida, explicamos sobre o nosso aporte conceitual, evidenciando os pressupostos do Campo de Poder para que, na sequência, abordarmos sobre o conservadorismo cristão e os posicionamentos das lideranças religiosas Edir Macedo, Silas Malafaia e André Valadão, provendo argumentos, por meio das notícias analisadas, sobre o posicionamento desses pastores quanto à comunidade LGBTQIAPN+.

É importante esclarecer que a comunidade LGBTQIAPN+ busca alternativas para vivenciar sua fé e se inserir no evangelho, diante da rejeição frequentemente enfrentada no contexto do conservadorismo cristão. Embora os posicionamentos das lideranças religiosas conservadoras aqui analisadas não mencionem diretamente as igrejas inclusivas, eles reforçam a não aceitação das pessoas LGBTQIAPN+ em diversos espaços da sociedade, logo, no religioso não seria diferente, sob a justificativa de que suas identidades e existências contradizem os preceitos cristãos que defendem. Nessa arena, a participação em igrejas inclusivas emerge como uma consequência direta da exclusão experimentada nas igrejas tradicionais conservadoras, evidenciando a necessidade de ambientes que conciliem espiritualidade e acolhimento.

### Deus me aceita como sou: as igrejas inclusivas

A partir da década de 1970, com a emergência do Movimento de Libertação Homossexual iniciado nos Estados Unidos, surge como campo de estudos a Teologia *Queer*, focando na experiência dos sujeitos e sua situação de opressão. Nesse contexto, e levando em consideração o cenário latino-americano sob influência da Teologia da Libertação, diversas autobiografias são publicadas por teólogos e militantes gays que fazem a relação entre seu engajamento político e experiência cristã.

"A Teologia *Queer* é uma teologia em primeira pessoa: diaspórica, autorrevelatória, autobiográfica e responsável por todas as suas palavras" (ALTHAUS-REID, 2019, p.26).

Ao aproximar-se dos estudos *queer*, a Teologia Indecente, termo proposto por Althaus-Reid, requer ser uma teologia contextual de gênero que se distancie de uma teologia branca, ocidental, androcêntrica, heterossexual e cisgênera.

No campo da teologia, a homossexualidade sempre foi um tema de intenso debate. André Musskopf (2019) afirma que desde a década de 1950 alguns estudos com interfaces sobre teologia e homossexualidade já tinham sido publicados. Para o autor, tendo por base as reflexões de Robert Goss, esses estudos configuraram uma 'teologia da homossexualidade', que se caracterizava por fazer um discurso apologético, buscando reconciliar a oposição das igrejas com relação à homossexualidade,

"oferecendo uma interpretação teológica da homossexualidade e focando a inclusão de gays e lésbicas nas igrejas a partir de narrativas que enfatizam a 'normalidade' da homossexualidade" (MUSSKOPF, 2019, p.120).

Enfocando não a igualdade, mas sim a diferença, as igrejas inclusivas ou 'igrejas *queer*' surgem com o objetivo de articular espiritualidade e vivências afirmativas, fora da chave hetero-cis-normativa<sup>3</sup>. Como exemplo desse tipo de organização comunitária, podemos citar as Igrejas da Comunidade Metropolitana, denominação fundada em 1968 por Troy Perry. Para essas organizações,

"o hétero patriarcado e a homofobia experimentada e mantida nas igrejas não permite uma vivência integradora da sexualidade que transformasse estas instituições" (MUSSKOPF, 2019, p.135).

No Brasil, o fenômeno das igrejas inclusivas existe há cerca de 25 anos, e, de acordo com dados da Rede Plural Inclusiva<sup>4</sup>, pelo menos 126 igrejas estavam cadastradas em sua plataforma até agosto de 2023. Segundo Musskopf (2019), essas organizações adotam como estratégia a criação de espaços alternativos de integração, onde a experiência religiosa *queer* pode florescer. Para o pesquisador, o ponto de convergência entre a Teologia e a Teoria *Queer* não está apenas na superação de práticas liberacionistas que visam a inserir a comunidade LGBTQIAPN+ no contexto social e eclesial, mas também na libertação de

<sup>3</sup>O termo hetero-cis-normativo refere-se a normas sociais que consideram a heterossexualidade (atração exclusiva por pessoas de gênero diferente do seu, diferenciando, por exemplo, das orientações sexuais bissexualidade e pansexualidade, em que também existe atração por pessoas de gênero diferente, mas não de forma exclusiva) e a identidade cisgênera (identificação com o gênero que lhe foi designado ao nascer com base em características biológicas) como padrões "naturais" para todos. Heteronormativo pressupõe a heterossexualidade como orientação dominante, enquanto cismativo supõe que todos se identificam com o gênero atribuído ao nascer, desconsiderando identidades transgêneras.

<sup>4</sup> Plataforma *on-line* (site) que tem por objetivo estruturar de forma organizada um mapa com as denominações inclusivas no país, além de contabilizar de forma oficial o número de igrejas espalhadas pelo Brasil.

todas as pessoas dos papéis e identidades sexuais e de gênero fixas e normativas.

Natividade (2008) também comenta sobre as igrejas inclusivas. Segundo ele, essas instituições são formadas por grupos que questionam a crença cristã de que a homossexualidade seria um 'pecado', permitindo a homossexuais a retomada da vida eclesial e o exercício de cargos na congregação. Em consonância à Natividade, Musskopf (2004) reflete sobre as estruturas sociais, que organizadas de forma heteronormativa, provocam a "[...] invisibilidade de pessoas não-heterossexuais" (MUSSKOPF, 2004, p. 15). Logo, as estruturas religiosas que também se organizam dessa forma, causam a invisibilidade de pessoas homossexuais no contexto religioso. Musskopf aponta ainda para o fato de que a temática da homossexualidade está em pauta em diversas igrejas do mundo.

Entende-se, então, que neste cenário religioso ocorre uma disputa por poder; de um lado as igrejas inclusivas que lutam para ressignificar as práticas cristãs de fé e ocupação legítima por espaço institucionalizado, em contrapartida, as igrejas evangélicas tradicionais conservadoras lutam para a sua manutenção hegemônica do que, para elas, é considerado 'verdadeiramente cristão', não dando brechas para a comunidade LGBTQIAPN+ se inserir neste universo.

### **Campos de poder: o dominante e o dominado**

A Teoria dos Campos de Bourdieu torna-se essencial enquanto aporte conceitual para o nosso trabalho, pois oferece uma perspectiva de entendimento sobre as dinâmicas das relações sociais e as fontes de desigualdade. Através dessa teoria, o autor revela como os diferentes campos, compostos por capital econômico, simbólico e cultural, são espaços de luta, nos quais os agentes sociais buscam obter capital e poder. Ao compreender os mecanismos pelos quais os campos são estruturados, Bourdieu oferece importantes ferramentas para compreender e desafiar as relações de dominação presentes na sociedade.

O social é constituído por campos, microcosmos ou espaços de relações objetivas, que possuem uma lógica própria, não reproduzida e irredutível à lógica que rege outros campos. O campo é

"tanto um campo de forças, uma estrutura que constrange os agentes nele envolvidos, quanto um campo de lutas, em que os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura" (BOURDIEU, 1996, p. 50).



Logo, podemos compreender que pela visão de Bourdieu, o campo é estruturado pelas relações objetivas entre as posições ocupadas pelos agentes e instituições, que determinam a forma de suas interações; o que configura um campo são as posições, as lutas concorrenciais e os interesses. Um campo faz parte do espaço social — e, portanto, toma dele as suas características — conceito que Bourdieu descreve como espaço de posições dos agentes e das instituições que nele estão situados. A depender do peso e do volume global dos capitais que possuem, são distribuídas em posições dominadas e dominantes.

Os campos de poder são espaços onde as relações de dominação e subordinação se manifestam claramente. Aqueles que detêm um capital valioso e raro em determinado campo são capazes de exercer sua influência sobre os demais atores. Por outro lado, os agentes com menor capital encontram-se em posições de subordinação. Essas premissas encontram-se situadas no nosso fenômeno analítico, uma vez que as lideranças de igrejas evangélicas tradicionais conservadoras, dominantes, obtêm o poder hegemônico dentro do campo religioso, cuja tentativa é tentar mantê-lo nestes moldes, sentindo-se ameaçadas pelas igrejas inclusivas, voltadas, sobretudo, ao público LGBTQIAPN+, estas, até então, dominadas.

“Todo campo vive o conflito entre os agentes que o dominam e os demais, isto é, entre os agentes que monopolizam o capital específico do campo, pela via da violência simbólica (autoridade) contra os agentes com pretensão à dominação” (BOURDIEU, 1984, p.114).

Por esta lógica, compreendemos que a Teoria dos Campos de Poder, de Bourdieu, oferece uma perspectiva elucidativa para analisar a dinâmica entre igrejas evangélicas conservadoras e as igrejas inclusivas. Nas igrejas conservadoras, os campos de poder se consolidam em torno de normas e valores tradicionais, em que líderes e membros influentes exercem controle sobre as práticas religiosas e discursivas. Isso reforça uma estrutura hierárquica e limita a pluralidade de perspectivas.

Por outro lado, nas igrejas inclusivas, emergem campos alternativos que desafiam as normas preexistentes, promovendo uma abertura para diversidade de identidades e crenças. Esses campos mais progressistas refletem uma redistribuição de poder, muitas vezes liderada por grupos marginalizados ou defensores de inclusão, reconfigurando a estrutura das relações de poder. A análise dos campos de poder de Bourdieu, nesse contexto, fornece uma abordagem rica para compreender como essas dinâmicas se manifestam

nas igrejas evangélicas, influenciando a interação entre conservadorismo e inclusão.

### O conservadorismo cristão: posicionamentos das lideranças religiosas André Valadão, Edir Macedo e Silas Malafaia

As relações entre pessoas do mesmo sexo como ilegítimas e imorais são estigmatizadas e os temores atualizados passam a se inserir em agendas políticas em torno das quais se alinham grupos conservadores, a exemplo da Frente Parlamentar Evangélica (FPE)<sup>5</sup>. Neste embate social, lideranças cristãs conservadoras “abominam” qualquer prática não heteronormativa, deixando em cheque a não aceitação de uma diversidade sexual e de gênero em um ambiente religioso. Para elas, reações religiosas que desqualificam a diversidade sexual “são insufladas por sujeitos que percebem a expansão dos direitos dos homossexuais e a visibilidade e aceitação desta parcela da população como ameaçadora de seus valores e da própria ordem social” (NATIVIDADE; LOPES, 2009, p. 79).

Diante do que foi exposto até aqui, para a presente pesquisa, escolhemos os pastores André Valadão, Silas Malafaia e Bispo Edir Macedo<sup>6</sup>, três lideranças religiosas brasileiras, de vertente evangélica, de cunho conservador, cujos discursos são proeminentes veiculados na mídia, uma vez que essas personalidades deixam claro perante a esfera pública e dos seus ‘seguidores’ os seus posicionamentos sobre a não aceitação da comunidade LGBTQIAPN+ nos templos religiosos cristãos, tampouco a inserção de igrejas inclusivas neste cenário hegemônico.

André Valadão, atualmente, é pastor-presidente da Igreja Batista da Lagoinha, em Orlando, nos Estados Unidos e com sede em Belo Horizonte- Minas Gerais; Silas Malafaia é pastor da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo; já o Bispo Edir Macedo é pastor e dono da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Enquanto autoridades religiosas, são conhecidas por expor seus posicionamentos ideológicos, religiosos e políticos abertamente, evidenciando seus dogmas conservadores e indo de encontro a pautas que envolvam, por exemplo, as conquistas da comunidade LGBTQIAPN+, como casamento,

<sup>5</sup> Em 2003, foi criada a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) do Congresso Nacional, com o objetivo de congregar, por meio de cultos semanais, os parlamentares evangélicos. Através desses cultos, poderia ser engendrada uma mobilização estratégica em torno de bandeiras de luta da FPE quanto à promoção e conversão evangélica no âmbito do legislativo. Como ocorre em outras frentes parlamentares, o pluripartidarismo é uma estratégia de atuação adotada pelos dirigentes da FPE que abarca tendências ideológicas afins para defender demandas conjunturais. Constitui-se em um modo de atender reivindicações de determinados segmentos, rompendo as barreiras das estruturas dos partidos políticos.

<sup>6</sup> Entendemos que a nomenclatura bispo tem um nível hierárquico maior do que pastor, entretanto, o Edir Macedo já deixou claro em diversas ocasiões que também é um pastor, por realizar pregações em seus templos religiosos, sobretudo, na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a qual ele é dono.

direito à adoção, tratamento respeitoso pela sua identidade de gênero e participação enquanto membros dos templos religiosos cristãos.

Para análise, o posicionamento escolhido do pastor Silas Malafaia foi dito por ele em fevereiro de 2013, quando, em entrevista à jornalista Marília Gabriela, em seu programa dominical exibido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), o *De Frente com Gabi*, afirmou não acreditar que dois homens e duas mulheres tenham a capacidade de criar um ser humano, evidenciando o seu posicionamento contrário sobre relacionamentos homoafetivos.

O posicionamento escolhido do bispo e pastor Edir Macedo foi dito por ele em dezembro de 2022, em sua emissora de TV aberta, a Record TV; em um programa de auditório, comparou gays e lésbicas a bandidos. Por fim, o pastor André Valadão, em pouco menos de um mês, entre junho e julho de 2023, viu-se envolvido em uma polêmica por dois posicionamentos referentes à comunidade LGBTQIAPN+: o primeiro, ao afirmar que Deus odiava o orgulho gay, em alusão ao mês do orgulho LGBTQIAPN+, comemorado em junho; o segundo por incitar a morte desta comunidade afirmativa.

É válido destacar que a escolha desses veículos de comunicação e dos posicionamentos a serem analisados foram escolhidos exclusivamente como recorte para o presente trabalho, entretanto, não significa que outros veículos de comunicação e demais falas desses três pastores em questão, pronunciados em suas redes sociais ou em suas pregações presenciais em templos religiosos, por exemplo, e que serviram de pauta para produções jornalísticas, foram veiculados no decorrer dos anos.

**Quadro 1:** Posicionamento do pastor Silas Malafaia sobre a comunidade LGBTQIAPN+ no ano de 2013

DATA	JORNAL	TÍTULO
04/02/2013	Veja	Malafaia ataca união homossexual e causa reação nas redes sociais

Fonte: Autoria própria

Nas buscas pelas notícias sobre o posicionamento do pastor Silas Malafaia referente à comunidade LGBTQIAPN+ veiculadas nos jornais *Carta Capital*, o *Correio Braziliense*, a *Folha de São Paulo* e a revista *Veja* no ano de 2013, identificamos que apenas a *Veja* fez uma reportagem sobre a participação polêmica do líder religioso em sua entrevista ao programa “De Frente com Gabi”. Em fevereiro do respectivo ano, em entrevista concedida à Marília Gabriela, Malafaia pontuou que “Se tiver pastor homossexual, ele perde o cargo. Não tenho nada contra

homossexuais, mas amo homossexuais assim como amo bandidos" (MALAFAIA, 2013).

Com a afirmação acima, nota-se que o pastor evidencia o seu posicionamento sobre as igrejas inclusivas, até então, naquele ano, ainda em ascensão. Em seu discurso, nota-se que o líder religioso deixa claro que em igrejas evangélicas tradicionais pessoas LGBTQIAPN+ não ocupam funções de lideranças. Por fim, ainda assemelha essa comunidade a bandidos.

Conforme a reportagem da *Veja*, mesmo se opondo à extensão do direito de adoção para casais homossexuais e à aprovação do projeto de lei 122, chamada de 'Lei da Homofobia', Malafaia disse 'amar'<sup>7</sup> os gays.

"Concordar com uma prática é uma coisa, amar uma pessoa é outra. Eu amo os homossexuais, mas eu discordo 100% de suas práticas. [...] Eu os amo assim como amo os bandidos, amo os assassinos – eu aumento o leque" (VEJA, 2013, s/p).

Ainda em seus posicionamentos, apresentados pela reportagem da *Veja*, Malafaia deixa evidente que, referindo-se à hipótese de adoção por homossexuais, não acredita que dois homens possam desenvolver um ser humano ou criar uma criança perfeita no 'sentido total', "Eu acredito que Deus fez o homem e a mulher e que esses seres se completam. Tenho minhas dúvidas sobre o que vai acontecer com essa criança" (VEJA, 2013, s/p).

Problematicamente, percebe-se na frase de Silas Malafaia que casais homossexuais não seriam capazes de criar uma criança "perfeita no sentido total", o que reflete um preconceito e desinformação. A ideia de perfeição aqui é subjetiva e baseada em um modelo tradicional de família que ignora a diversidade de arranjos familiares e formas de cuidado que também proporcionam um desenvolvimento saudável para a criança. Ao implicar que famílias homoafetivas são inferiores, a afirmação se apoia em estereótipos e argumentos religiosos que não aceitam a união do mesmo sexo. Suas dúvidas sobre o futuro dessas crianças reforçam o estigma sem apresentar evidências concretas.

Por fim, o pastor, segundo a *Veja*, disse que a homossexualidade "é um comportamento", que pode ser mudado. "Ninguém nasce gay. Não existe gene homossexual [...] 46% dos homossexuais foram violados e violentados quando crianças e adolescentes. Esses 46% passaram a ser homossexuais depois de serem violentados." (VEJA, 2013, s/p).

<sup>7</sup> O uso de aspas em torno da palavra "amar" nessa frase sugere uma possível ironia, ceticismo ou distanciamento em relação ao que está sendo dito. Neste contexto, aparenta uma discrepância entre o ato de amar feito por Malafaia e o posicionamento que ele adota em relação à comunidade LGBTQIAPN+. Logo, as aspas podem sugerir que o "amar" está sendo usado de maneira questionável ou que o sentimento expresso pode não ser genuíno, já que ele compara amar os homossexuais a amar criminosos, o que pode ser visto como ofensivo ou contraditório.

Mesmo afirmando esses dados, a autoridade religiosa não se pronunciou sobre a fonte de onde foram extraídos. Nota-se, também, que para ele, a homossexualidade trata-se de uma opção sexual, a pessoa escolhe ser, assim como 'escolhe ser um criminoso', sendo que, de acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP), a homossexualidade trata-se de uma orientação sexual.

O CFP (2013) publicou uma nota de repreensão ao pastor em razão de suas declarações que representaram, segundo o Órgão, atitude desrespeitosa com homossexuais e um tipo de comportamento preconceituoso que não se insere, em hipótese alguma, no tipo de sociedade que a Psicologia vem trabalhando para construir com outros atores sociais igualmente sensíveis e defensores dos Direitos Humanos.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) manifesta publicamente seu repúdio às declarações do pastor Silas Malafaia feitas no último domingo (3/2), durante um programa de entrevistas exibido pelo SBT. Em sua participação, o pastor evangélico agrediu a perspectiva dos Direitos Humanos a uma cultura de paz e de uma sociedade que contemple a diversidade e o respeito à livre orientação – objetos da atuação da Psicologia, que se pauta na defesa da subjetividade das identidades (CFP, 2013, s/p).

Apesar de todas as polêmicas, a Veja foi o único veículo analisado que relatou a repercussão do pronunciamento do pastor Silas Malafaia, sem que outras notícias sobre o tema fossem publicadas na mídia em 2013, incluindo os jornais *Correio Braziliense*, *Carta Capital* e *Folha de São Paulo*. A ausência de cobertura em alguns veículos e sua presença em outros levanta questionamentos sobre como o poder e a influência de figuras públicas, como Malafaia, podem impactar as escolhas editoriais e pautas jornalísticas, refletindo interesses ou estratégias políticas e econômicas distintas entre esses meios de comunicação.

Desse modo, o poder simbólico (BOURDIEU, 1989) se relaciona a esse contexto, pois é, fundamentalmente, um poder de construção da realidade. Tal poder detém os meios de afirmar o sentido imediato do mundo, instituindo valores, classificações (hierarquia) e conceitos que se apresentam aos agentes como espontâneos, naturais e desinteressados. O que queremos dizer é que os posicionamentos do pastor Silas Malafaia não foram amplamente divulgados em 2013 devido ao seu campo de poder dentro da sociedade brasileira.

Malafaia, como líder religioso e figura influente no cenário evangélico do Brasil, detinha (e ainda detém) um capital simbólico significativo e um campo social bem estabelecido. É válido destacar que ele é conhecido para além desse discurso, mas sim por várias outras declarações contrárias aos direitos

da comunidade LGBTQIAPN+ e à sua participação no ambiente religioso cristão ditas em diferentes anos.

Além disso, sua influência política e conexões com setores conservadores também desempenham um papel sobre que tipo de notícia será pautada. Assim, a teoria de Bourdieu ajuda a explicar por que Malafaia conseguiu manter seu poder de influência e evitar uma exposição mais ampla de seus discursos homofóbicos em veículos de comunicação de grande alcance no ano de 2013.

**Quadro 2:** Posicionamento do pastor Edir Macedo sobre a comunidade LGBTQIAPN+ no ano de 2022

DATA	JORNAL	TÍTULO
25/12/2022	Carta Capital	Edir Macedo, bispo da Igreja Universal, compara gays e lésbicas com bandidos
26/12/2022	Correio Braziliense	Bispo Edir Macedo é alvo de notícia-crime após discurso de teor homofóbico
26/12/2022	Folha de São Paulo	Edir Macedo é alvo de notícia-crime por fala homofóbica na Record
27/12/2022	Veja	ONG pelos direitos LGBTQIA+ repudia fala de Edir Macedo

Fonte: Autoria própria

A segunda liderança religiosa a ser analisada pelos seus discursos referentes à população LGBTQIAPN+ foi o bispo Edir Macedo. Em 24 dezembro de 2022, véspera de Natal, ao participar de um programa na emissora ao qual é dono, a Record TV, segundo o bispo, homossexuais e ladrões seriam ‘pessoas que nasceram boas’, mas foram corrompidas pelo mundo (CARTA CAPITAL, 2022). O líder reforça que “ninguém nasce mau. Ninguém nasce ladrão, ninguém nasce bandido, ninguém nasce homossexual ou lésbica...” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022, s/p).

Percebemos que o bispo e pastor Edir Macedo promove o mesmo discurso que o também pastor Silas Malafaia. Para ambos, a homossexualidade é vista como “um mal”, comparando-a com bandidos que ‘optaram por serem assim’. E veem na igreja evangélica uma ‘porta’ para a cura desse mal. Pelo seu comentário, o bispo foi alvo de uma notícia-crime. Conforme o *Correio Braziliense* (2022), para alguns movimentos em prol das lutas pelos direitos LGBTQIAPN+, o discurso se caracterizou com teor homofóbico.

A ação foi protocolada por duas instituições: Aliança Nacional LGBTI+ e Associação Brasileira de Famílias Homotransafetivas (ABRAFAH). O grupo Mães Pela Diversidade, uma Organização Não Governamental (ONG) formada por mães e pais de pessoas LGBTQIAPN+, publicou uma nota de repúdio nas redes sociais, veiculada pela reportagem da Veja:

O discurso de ódio é apenas um passo para a violência contra a população LGBTQIA+ e a LGBTfobia é crime! Nossas famílias são diversas e nossos filhos, filhas e filhas existem, resistem e não devem ser alvo da intolerância e do preconceito. Entidades jurídicas já se mobilizaram e esperamos que Edir Macedo seja responsabilizado por seu pronunciamento" (FRAGUITO, 2022, s/p).

Mesmo diante da notícia-crime, o bispo Edir Macedo não foi responsabilizado judicialmente pela sua fala. Nota-se também que todos os veículos de comunicação escolhidos para a análise noticiaram o discurso propagado pelo bispo Edir Macedo em rede nacional. Identificamos que o foco foi pela notícia-crime ao qual o líder religioso foi alvo, fruto da interferência dos movimentos LGBTQIAPN+, entretanto, podemos também perceber que não foram além destes desdobramentos.

Neste mesmo ano, o foco das notícias veiculadas sobre o bispo Edir Macedo foram de cunho político, pois era ano de eleição para presidente do Brasil e, uma vez que ele é uma figura que transita por esse cenário, sobretudo enquanto aliado do ex-presidente do Estado, Jair Bolsonaro. Assim, evidenciamos que neste campo de luta e de poder, essas instituições em prol dos direitos LGBTQIAPN+ ainda são invisibilizadas em mídias de grande alcance.

Contextualizando às premissas defendidas por Bourdieu (1983) podemos compreender que o que determina a existência de um campo e demarca os seus limites são os interesses específicos, os investimentos econômicos e psicológicos que ele solicita a agentes dotados de um *habitus* e as instituições nele inseridas. Na análise dos posicionamentos veiculados em jornais e revistas *on-line* pudemos identificar, por exemplo, que assuntos de cunho político-eleitoral são de maior interesse em comparação aos que se referem às lutas pela diversidade sexual e identidade de gênero.

Ainda assim, em comparação ao ano de 2013, em que não houve uma mobilização da imprensa sobre o discurso profanado pelo pastor Silas Malafaia, também uma figura bastante integrada no universo político, em 2022 entidades LGBTQIAPN+ já começam a serem notadas, mesmo que de maneira discreta, pelo combate à LGBTfobia e discursos de ódio propagados, sobretudo, por lideranças religiosas de cunho conservador.

**Quadro 3:** Posicionamento do pastor André Valadão sobre a comunidade LGBTQIAPN+ no ano de 2023

DATA	JORNAL	TÍTULO
03/07/2023	Carta Capital	Pastor bolsonarista André Valadão diz que evangélicos deveriam matar LGBTs
11/07/2023	Carta Capital	Justiça manda Youtube e Instagram removerem conteúdo de André Valadão contra LGBTs
11/07/2023	Carta Capital	Grupo LGBTQ+ deixa igreja de André Valadão após declarações homofóbicas
03/07/2023	Carta Capital	MPF investigará André Valadão após declarações homofóbicas em culto
05/06/2023	Carta Capital	Deputada denuncia pastor André Valadão ao Ministério Público por homotransfobia.
05/06/2023	Carta Capital	Pastor André Valadão diz que Deus 'odeia o Orgulho', em referência à comunidade LGBTQ+
05/06/2023	Correio Braziliense	Pastor André Valadão condena comunidade LGBTQIAP+: "Deus odeia o orgulho"
11/07/2023	Correio Braziliense	TRF-6 determina exclusão de vídeos com declarações homofóbicas de André Valadão
10/07/2023	Correio Braziliense	André Valadão é vaiado na Parada LGBTQ+: 'Não use igreja para nos diminuir'
04/07/2023	Correio Braziliense	Erika Hilton celebra investigação contra Valadão: "LGBTfobia é crime!"
03/07/2023	Correio Braziliense	André Valadão incita morte de LGBTs e volta atrás após repercussão
14/06/2023	Correio Braziliense	André Valadão ignora críticas e dobra conteúdos LGBTfóbicos nas redes sociais



10/06/2023	Correio Braziliense	Como leitura 'fundamentalista' da Bíblia continua alimentando ataques à comunidade LGBTQIA+
05/06/2023	Correio Braziliense	Erika Hilton aciona o MP contra André Valadão por falas homofóbicas em culto
05/06/2023	Folha de São Paulo	Pastor André Valadão radicaliza discurso anti-LGBTQIA+: 'Deus odeia o orgulho'
11.jul.2023	Folha de São Paulo	Justiça determina remoção de vídeos de André Valadão por discriminação
11.jul.2023	Folha de São Paulo	Grupo LGBTQ+ deixa Igreja da Lagoinha após declaração de André Valadão
10.jul.2023	Folha de São Paulo	André Valadão faz retratação: Valadão diz que acionará a Justiça contra detratores e que não admite que fiéis agridam pessoas
04/07/2023	Folha de São Paulo	Âncora da Band rebate falas de André Valadão: 'Usa Deus para tentar incitar ódio'
04/07/2023	Folha de São Paulo	Flávio Bolsonaro sai em defesa de André Valadão e diz que 'perseguição' chegou à igreja
03/07/2023	Folha de São Paulo	Famosos pedem prisão de André Valadão após fala apontada como homotransfobia
03/07/2023	Folha de São Paulo	Erika Hilton aciona Ministério Público após pastor Valadão incitar fiéis contra LGBTQIA+
03/07/2023	Folha de São Paulo	MPF investigará André Valadão por homotransfobia
03/07/2023	Folha de São Paulo	Pastor André Valadão diz que Deus mataria todos os LGBTQIA+ se pudesse
03/07/2023	Folha de São Paulo	Ministério Público de MG abre inquérito criminal contra André Valadão por homotransfobia

21/07/2023	Veja	Como a igreja comandada por André Valadão promove a absurda “cura gay”
12/07/2023	Veja	Acusado de homofobia, pastor Valadão quer usar a Primeira Emenda dos EUA
11/07/2023	Veja	Juiz atende MPF e manda remover vídeos do pastor André Valadão
04/07/2023	Veja	Pastor que sugeriu morte de gays abre nova guerra entre direita e esquerda
03/07/2023	Veja	Deputada trans denuncia pastor por sugerir morte de pessoas LGBT

Fonte: Autoria própria

Pelos resultados do mapeamento dos posicionamentos pregados pelo pastor André Valadão sobre a comunidade LGBTQIAPN+ até o mês de julho de 2023, identificamos que houve 2 pronunciamentos do líder evangélico sobre esse público. Ele “afirmou que o mês dedicado ao respeito pela diversidade sexual e de gênero deve causar repulsa” (CARTA CAPITAL, 2023, s/p). O pastor se refere ao mês de junho, conhecido historicamente pelo Mês do Orgulho LGBT+.

Nesta pregação, feita em um culto, Valadão “condena o movimento e afirma que a figura da palavra orgulho é Lúcifer” (BRITO, 2023, s/p). Não obstante a esse discurso, o pastor, um mês depois de dizer que ‘Deus odeia o orgulho’, inaugurando uma campanha anti-LGBTQIA+ na igreja onde prega em Orlando (EUA), “afirmou que é preciso ‘resetar’ os membros dessa comunidade e que, se Deus pudesse, ‘matava tudo e começava tudo de novo’” (BALLOUSSIER, 2023, s/p).

Em pronunciamento, após a repercussão de sua fala, Valadão, em uma forma de retratação, declarou que seu discurso foi tirado de contexto, culpando ‘a grande mídia’ pela repercussão do culto e usa Gênesis, o primeiro dos livros bíblicos, para justificar a parte em que cita uma matança generalizada de pessoas da comunidade LGBTQIAPN+. “Pelo amor de Deus, gente, não digo [para] nós aniquilarmos pessoas. Digo que cabe a nós levar o ser humano ao princípio daquela que é a vontade de Deus” (BALLOUSSIER, 2023, s/p).

Por conta de suas falas, diversas personalidades também se pronunciaram publicamente contra esses discursos, considerados de cunho homofóbico, a exemplo da jornalista da emissora de TV aberta Rede Bandeirantes, Adriana Araújo, o *YouTube* Felipe Neto e o cantor Matheus Carrilho, que pediram a prisão do pastor por homofobia e incitação ao

ódio. Houve também quem apoiou Valadão, a exemplo do deputado federal e filho de Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil, Flávio Bolsonaro, do Partido Liberal do Rio de Janeiro (PL-RJ). Segundo ele, “a perseguição chegou à igreja” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2023, s/p), discurso bastante utilizado na campanha eleitoral presidencial de 2022, em que partidos de direita e apoiadores do Jair Bolsonaro garantiram que o Partido dos Trabalhadores (PT), comandado pelo atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, de ‘esquerda’, perseguiria cristãos e fecharia as igrejas evangélicas.

Erika Hilton, a primeira mulher trans eleita deputada federal pelo Partido Socialismo e Liberdade do estado de São Paulo (PSOL-SP), conhecida pela defesa de pautas em prol dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+ também se manifestou contra as falas de Valadão. Durante sessão deliberativa na Câmara dos Deputados, denunciou o pastor por sugerir que seus fiéis matem pessoas LGBT. “A representação foi enviada ao Ministério Público de Minas Gerais (MP-MG). Segundo Erika Hilton, o trecho representa incitação direta aos seus fiéis relacionada à morte de pessoas LGBT” (VEJA, 2023, s/p).

A Justiça atendeu ao pedido do Ministério Público de Minas Gerais, que passou a investigar o caso após representação da deputada do Psol. Segundo Souza (2023), o Tribunal Regional Federal da 6ª Região (TRF-6) determinou no dia 10 de julho de 2023 que as empresas de redes sociais retirassem do ar vídeos publicados nos canais da Igreja Batista da Lagoinha no *YouTube* e no *Instagram* e em canais de veículos de imprensa com declarações homofóbicas do pastor André Valadão.

Sendo assim, percebe-se que dentre as três lideranças religiosas aqui analisadas, o pastor André Valadão foi a figura que mais repercutiu na imprensa por conta de suas falas. Todos os veículos de comunicação escolhidos como recorte de análise: *Correio Braziliense*, *Folha de São Paulo*, *Carta Capital* e a *Veja* noticiaram em seus editoriais os discursos sobre a comunidade LGBTQIAPN+, além disso, diferentemente dos de Edir Macedo e Silas Malafaia, evidenciaram os desdobramentos oriundos deles, mostrando inclusive, em uma matéria da *Veja*, como a igreja comandada por André Valadão promove a ‘cura gay’<sup>8</sup>, pois para os cristãos conservadores, a

---

<sup>8</sup> Cunha (2014) destaca que a gestão do ex-deputado Marco Feliciano na Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM), em 2013, foi marcada por propostas de caráter anti-homossexual. Feliciano adotou posições contrárias às reivindicações do movimento LGBTQIAPN+, como a exclusão do projeto que garantia direitos previdenciários a casais homossexuais, disputas com o Conselho Federal de Psicologia (CFP) no caso da chamada “cura gay”, polêmico projeto que buscava revogar trechos da resolução de 1999 do CFP, a qual proíbe os profissionais da área de promoverem tratamentos ou “cura” da homossexualidade; e a contestação da decisão do Conselho Nacional de Justiça que autorizava casamentos entre homossexuais em cartórios. Essas ações tiveram mais efeito em gerar visibilidade na mídia do que consequências concretas, já que todas as propostas ficaram paralisadas em outros colegiados da Câmara. Embora o projeto “Cura Gay” tenha sido arquivado, há relatos de que algumas igrejas evangélicas ainda praticam as chamadas ‘terapias de conversão’, com o objetivo de “curar” a comunidade LGBTQIAPN+ para que, só assim, essas pessoas sejam aceitas em suas comunidades religiosas.

homossexualidade é uma doença e que precisa ser curada por meio de práticas de fé impostas pela igreja.

Percebemos, então, que ao passar dos anos, a pauta sobre os direitos da comunidade LGBTQIAPN+ vai ganhando espaço na mídia, fruto das lutas dessas minorias. Por essa lógica, podemos afirmar que “os campos não são estruturas fixas. São produtos da história das suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam” (BOURDIEU, 2001, p. 129). Para Bourdieu (1996, p. 61), “é no horizonte particular dessas relações de força específicas, e de lutas que tem por objetivo conservá-las ou transformá-las”.

Essa dinâmica de poder não é fixa, mas sim fluida, uma vez que os campos estão em constante transformação. As relações de poder dentro de um campo podem ser alteradas conforme os agentes mobilizam diferentes formas de capital e se adaptam às mudanças no ambiente. Isso mostra-se presente na referida pesquisa, uma vez que se nota uma maior participação de pessoas LGBTQIAPN+ na política, movimentos sociais e em ambientes religiosos, a exemplo das igrejas inclusivas.

Machado (2018) defende o argumento de que os coletivos feministas e LGBTQIAPN+ desempenharam nas últimas décadas um papel fundamental no processo de separação da moralidade pública e da moralidade religiosa. Esse fenômeno produziu efeitos contraditórios no campo confessional, favorecendo, por um lado, o

“surgimento de coletivos religiosos mais liberais, como as chamadas igrejas inclusivas e, por outro, o reposicionamento das estruturas eclesiais tradicionais com o reavivamento do ativismo conservador” (MACHADO, 2012, p. 34).

Em suma, destacamos que em um cenário sociológico, diversos grupos com visões políticas e dogmas religiosos distintos disputam a atenção na esfera pública para reafirmar suas posições e perspectivas. Mesmo os pastores conservadores aqui analisados não deixarem claro que os posicionamentos pregados por eles são referentes a igrejas inclusivas, notamos que essas pautas estão diretamente relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+ e à não aceitação desse grupo em seu ambiente evangélico hegemônico e conservador, seja enquanto membros de alguma função institucional ou como fiéis, sendo aceitos somente por ‘meio da cura e da conversão à heterossexualidade’.

## Considerações Finais

Por meio de uma pesquisa de fontes bibliográficas, declarações públicas e entrevistas, buscou-se compreender as principais argumentações utilizadas pelos pastores de vertente conservadora André Valadão, Edir Macedo e Silas Malafaia, para justificar suas rejeições ou falta de acolhimento às pessoas LGBTQIAPN+ em suas congregações e comunidades de fé. O estudo revelou uma complexa interseção entre religião, orientação sexual, identidade de gênero, exclusão e inclusão social. Os resultados desta pesquisa destacam a importância de compreender a dinâmica subjacente a esses discursos e suas implicações sociais, calcadas em uma relação de poder.

O estudo buscou também contestar essas argumentações, problematizando suas bases e examinando suas repercussões midiáticas, especialmente no contexto de sua influência nas percepções sociais e no reforço de discursos de exclusão. Tal abordagem fomenta a necessidade de explorar criticamente os impactos que esses posicionamentos geram tanto no espaço religioso quanto na sociedade em geral, ampliando o debate sobre inclusão, diversidade e os limites das retóricas conservadoras. A análise dos posicionamentos dessas lideranças religiosas revelou que as posições conservadoras dos pastores frequentemente se baseiam em interpretações literais de textos religiosos e em doutrinas tradicionais que têm sido passadas ao longo de gerações. Essas visões muitas vezes se traduzem em atitudes de não aceitação e rejeição das pessoas LGBTQIAPN+ nas comunidades religiosas. Todavia, é fundamental reconhecer que essas crenças não são uniformemente compartilhadas por todos os segmentos da sociedade, e a divergência de opiniões dentro das próprias comunidades religiosas enfatiza a necessidade de diálogo e respeito mútuo.

Abordando como as comunidades religiosas conservadoras, lideradas predominantemente por homens cisgêneros e heterossexuais, controlam as narrativas e restringem discursos que desafiam suas doutrinas, como a inclusão LGBTQIAPN+, ressalta-se que essa rejeição é vista como um mecanismo de manutenção de poder que determina quais vozes são ouvidas. Em contraste, as igrejas inclusivas (*queer*) surgem como uma resposta a essa exclusão, promovendo a centralização das vozes LGBTQIAPN+ em um ambiente religioso institucionalizado e oferecendo um modelo alternativo de espiritualidade, integrando plenamente a diversidade sexual e de gênero.

O diálogo aberto entre as lideranças religiosas, as congregações e a sociedade em geral podem desempenhar um papel crucial na promoção da compreensão mútua e na redução de estigmatização, fatores propostos, inclusive, pelas igrejas inclusivas comandadas por lideranças LGBTQIAPN+. Esses líderes afirmativos têm a oportunidade de influenciar

positivamente suas comunidades, desafiando as narrativas de não aceitação e adotando posturas mais inclusivas e empáticas.

No que tange à participação da mídia na divulgação de pautas sobre as represálias enfrentadas pela comunidade LGBTQIAPN+ em diversos espaços sociais, entendemos que essa dinâmica vem se ascendendo por meio da participação dos movimentos sociais e lideranças legislativas que lutam em prol dos direitos desses grupos minoritários, conciliando, desta maneira, com assuntos políticos, os quais sempre foram de maior interesse jornalístico. Por fim, entendemos que o desafio é encontrar maneiras de conciliar crenças religiosas, profundamente enraizadas, com o respeito pela diversidade e os direitos humanos fundamentais. À medida que a sociedade continua a evoluir, a abertura ao diálogo, à reflexão crítica e à empatia se torna ainda mais essencial para construir um mundo onde todos possam viver em suas completas diferenças e garantias.

## Referências

ALENCAR, Gustavo de. Evangélicos e a Nova Direita no Brasil: os discursos conservadores do "Neocalvinismo" e as Interlocuções com a Política. *Teoria e Cultura*, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF, v. 13, n. 2, dez. 2018. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/reader/84513d2cd09fe446d096d56d10252f86481785>. Acesso em: 14 dez. 2023.

ALTHAUS-REID, Marcella. M. *Deus queer*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

BALLOUSSIER, Anna. Virgínia. André Valadão diz que Deus mataria todos os LGBTQIA+ se pudesse. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 jul. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/07/pastor-andre-valadiao-diz-que-deus-mataria-todos-os-lgbtqia-se-pudesse.shtml>. Acesso em: 28 ago. 2023.

## NÃO ACEITAMOS OVELHAS COLORIDAS EM NOSSO ALTAR

BISPO Edir Macedo é alvo de notícia-crime após discurso de teor homofóbico. *Correio Braziliense*, 26. dez. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/06/5099724-pastor-andre-valadao-condena-comunidade-lgbtqiap-deus-odeia-o-orgulho.html>. Acesso em: 25 ago.2023.

BRITO, Aline. Pastor André Valadão condena comunidade LGBTQIAP+: "Deus odeia o orgulho. *Correio Braziliense*, 05 jun. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/06/5099724-pastor-andre-valadao-condena-comunidade-lgbtqiap-deus-odeia-o-orgulho.html>. Acesso em: 25 ago.2023.

BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual*. Buenos Aires: Folios, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. (Coleção Memória e Sociedade).

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CFP- Conselho Federal de Psicologia. *Declarações de Silas Malafaia*, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp-se-posiciona-contrariamente-declaracoes-do-pastor-silas-malafaia/>. Acesso em: 24 ago. 2023.

CUNHA, Magali do N. O caso Marco Feliciano e a pauta dos direitos humanos. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 3 abr. 2014. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-caso-marco-feliciano-e-a-pauta-dos-direitos-humanos/>. Acesso em: 11 set. 2024.

DEPUTADA trans denuncia pastor por sugerir morte de pessoas LGBT. *Veja*, 03.jul. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/deputada-trans-denuncia-pastor-por-sugerir-morte-de-pessoas-lgbts/>. Acesso em: 25 ago.2023.

EDIR Macedo, bispo da Igreja Universal, compara gays e lésbicas com bandidos. *Carta Capital*, 25. dez. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/edir-macedo-bispo-da-igreja-universal-compara-gays-e-lesbicas-com-bandidos/>. Acesso em: 25 ago.2023.

EDIR Macedo é alvo de notícia-crime por fala homofóbica na Record. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26. dez. 2022. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2022/12/edir-macedo-e-alvo-de-noticia-crime-por-fala-homofobica-na-record.shtml>. Acesso em: 25 ago.2023.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade*, Rio de Janeiro: Ed. Graal,1984.

FAMOSOS pedem prisão de André Valadão após fala apontada como homotransfobia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03.jul. 2023. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2023/07/famosos-pedem-prisao-de-andre-valadao-apos-fala-supostamente-homotransfobica.shtml>. Acesso em: 25 ago.2023.

## NÃO ACEITAMOS OVELHAS COLORIDAS EM NOSSO ALTAR

FRAGUITO, Giovanna. ONG pelos direitos LGBTQIA+ repudia fala de Edir Macedo. *Veja*, 27 dez. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/ong-pelos-direitos-lgbtqia-repudia-fala-de-edir-macedo>. Acesso em: 25 ago.2023.

LGBTQ Religious Archives Network, 2019. Disponível em: <https://lgbtqreligiousarchives.org/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 26, n. 2, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/pywfVLVSDYNnH8nzJV3MmQk/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, cultura e política. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 29-56, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/6D8smMDxPsddMZqLj45vzgQ/>. Acesso em: 16 dez. 2023.

MALAFIA, Silas. *De Frente com Gabi- Pr. Silas Malafaia*, 2013. 1 vídeo (45 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=b50Oi8RRYLc>. Acesso em: 24 ago. 2023.

MALAFIA ataca união homossexual e causa reação nas redes sociais. *Veja*, 04 fev. 2013. Disponível em: [https://veja.abril.com.br/brasil/?utm\\_campaign=lq\\_2024](https://veja.abril.com.br/brasil/?utm_campaign=lq_2024). Acesso em: 25 ago.2023.

MUSSKOPF, André S. *Talar Rosa - Um estudo didático-histórico-sistemático sobre a Ordenação ao Ministério Eclesiástico e o exercício do Ministério Ordenado por Homossexuais*. 2004. 200 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004.

MUSSKOPF, André S. *Teologias Gay/Queer*. In: JURKEWICZ, Regina Soares (Org.). *Teologias Fora do Armário: teologia, gênero e diversidade sexual*. 1. ed., São Paulo: Max Editora/Católicas Pelo Direito de Decidir, 2019, p. 114-146.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 61, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. *Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia, PPGSA/UFRJ, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. & LOPES, P. V. L. *O direito das pessoas LGBT e as respostas religiosas: da parceria civil à criminalização da homofobia*. In DUARTE et al.(orgs). *Valores Religiosos e Legislação no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 90-121, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/JwDwM3nzMBmY6js57YBmn7P/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

PASTOR André Valadão diz que Deus ‘odeia o Orgulho’, em referência à comunidade LGBT+. *Carta Capital*, 05 jun. 2023. Disponível em: <https://www.cortacapital.com.br/politico/pastor-andre-valadao-diz-que-deu>



## NÃO ACEITAMOS OVELHAS COLORIDAS EM NOSSO ALTAR

s-odeia-o-orgulho-em-referencia-a-comunidade-lgbt/. Acesso em: 25 ago. 2023.

REDE PLURAL INCLUSIVA. Disponível em:  
<https://www.igrejasinclusivasnobrasil.com.br/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SOUZA, Renato. TRF-6 determina exclusão de vídeos com declarações homofóbicas de André Valadão. *Correio Braziliense*, 11 jul. 2023. Disponível em:  
<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/07/5108260-trf-6-determina-exclusao-de-videos-com-declaracoes-homofobicas-de-andre-valadao.html>. Acesso em: 25 ago. 2023.

VEIGA, Edison. Há 30 anos, OMS removiu homossexualidade da lista de doenças. *DW*, 15 maio 2020. Disponível em:  
<https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-30-anos-oms-retirava-homossexualidade-da-lista-de-doen%C3%A7as/a-53447329>. Acesso em 09 set. 2024.